

Psicanálise e universidade: a proposta do LAPCIP

Psychoanalysis and university: the LAPCIP's proposal

Psicoanálisis y universidad: la propuesta del LAPCIP

Louise Amaral Lhullier^a ; Ana Lúcia Mandelli de Marsillac^b ; Patrícia Simões de Almeida Justo da Silva^c ; Letícia Vier Machado^d ; Alana Dallacosta Fantin^e 

^a Psicanalista. Doutora em Psicologia pela PUC-SP. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil – E-mail: louiselhullier@gmail.com

^b Psicanalista. Doutora em Psicologia pela UFRGS. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil – E-mail: ana.marsillac@ufsc.br

^c Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil – E-mail: patriciasajs@gmail.com

^d Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da Universidade de São Paulo, bolsista do CNPq. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil – E-mail: leticiaviermachado@gmail.com

^e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil – E-mail: alanafantin@gmail.com

Resumo: O artigo busca situar, sob a ótica de Freud e Lacan, algumas dificuldades e possibilidades da inserção da psicanálise na universidade. Partimos da história da entrada da psicanálise no Brasil, apresentando na sequência as contribuições de Freud e de Lacan sobre o ensino da psicanálise nesse âmbito. Diferenciamos ensino de transmissão, discurso científico e discurso da psicanálise. Sustentamos que a transmissão se dá para além do ensino e que o discurso da psicanálise busca evidenciar e questionar os lugares da verdade presentes no discurso científico. Em seguida, na busca de um lugar para a psicanálise na universidade, apresentamos uma proposta de inserção pela via do Laboratório de Psicanálise, Processos Criativos e Interações Políticas (LAPCIP) da Universidade Federal de Santa Catarina. Concluímos que dar um lugar à psicanálise na universidade é sempre uma aposta guiada pelo desejo, que não implica no fechamento para outras possibilidades.

Palavras-chave: Psicanálise. Universidade. Transmissão.

Abstract: The paper aims to identify some difficulties as well as the possibility of integrating psychoanalysis in the university, from a Freudian and Lacanian perspective. Subsequently, we present some of the contributions of Freud and Lacan to the teaching of psychoanalysis in this sphere. We differentiate teaching from transmission, and the scientific discourse from the discourse of psychoanalysis. We maintain that transmission goes beyond teaching and that the discourse of psychoanalysis seeks to evidence and to question the place of truth present in scientific discourse. Afterwards, in search of a place for psychoanalysis in the university, we present a proposal for its integration via the Laboratory of Psychoanalysis, Creative Processes and Political Interactions (LAPCIP) in the Federal University of Santa Catarina. We conclude that to give a place to psychoanalysis at the university is always a bet guided by desire, which does not imply closure for other possibilities.

Keywords: Psychoanalysis. University. Transmission.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

Resumen: El artículo busca situar, bajo la óptica de Freud y Lacan, algunas dificultades y posibilidades de la inserción del psicoanálisis en la universidad. Partimos de la historia de la entrada del psicoanálisis en Brasil, presentando a continuación las contribuciones de Freud y de Lacan sobre la enseñanza del psicoanálisis en ese ámbito. Diferenciamos enseñanza de transmisión, discurso científico y discurso del psicoanálisis. Sostenemos que la transmisión se da más allá de la enseñanza y que el discurso del psicoanálisis busca evidenciar y cuestionar los lugares de la verdad presentes en el discurso científico. En seguida, en la búsqueda de un lugar para el psicoanálisis en la universidad, presentamos una propuesta de inserción por la vía del Laboratorio de Psicoanálisis, Procesos Creativos e Interacciones Políticas (LAPCIP) de la Universidad Federal de Santa Catarina. Concluimos que dar un lugar al psicoanálisis en la universidad es siempre una apuesta guiada por el deseo, que no implica el cierre para otras posibilidades.

Palabras clave: Psicoanálisis. Universidad. Transmisión.

Como citar o artigo:

LHULLIER, L. A. et al. Psicanálise e universidade: a proposta do LAPCIP. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 52, 2018 DOI: 10.5007/2178-4582.2018.39872

INTRODUÇÃO

A presença da psicanálise na universidade sempre foi objeto de polêmica, dividindo os psicanalistas entre os que a defendem e os que a condenam, da mesma forma que os não-psicanalistas que a acolhem com entusiasmo e os que a rechaçam com a mesma intensidade. De qualquer forma, ela se faz presente no meio acadêmico desde os seus primórdios, embora não sem dificuldades.

Neste artigo, adotamos as perspectivas de Sigmund Freud e de Jacques Lacan para situar algumas dessas dificuldades e apresentar uma proposta de inserção da psicanálise na universidade, a partir da criação do Laboratório de Psicanálise, Processos Criativos e Interações Políticas (LAPCIP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Como ponto de partida, recorreremos à história da entrada da psicanálise no Brasil, que se deu pelas portas da universidade que se abriram às descobertas inovadoras de Freud. Em seguida, apresentamos suas ideias acerca do ensino da psicanálise nesse âmbito e destacamos a contribuição de Lacan no mesmo sentido, referência necessária para se pensar esse ensino. Aliás, com esses autores, entendemos tratar-se mais propriamente de uma *transmissão* da psicanálise.

Na sequência, apresentaremos a o LAPCIP, que se propõe a ser espaço de aprofundamento teórico e prático no campo da psicanálise. Este é concebido como um lugar de discussão das questões que nos interrogam, de constante reflexão sobre a psicanálise na universidade e de suas possíveis interlocuções com outros saberes, mas também como espaço de invenção de alternativas, que nos apontam um fazer.

Algumas perguntas atravessam a construção desse texto sem que, no entanto, isso signifique que se pretenda ter plenas respostas a elas. São questões que estiveram presentes não apenas durante esse processo, mas também que se presentificam no desenvolvimento de nosso trabalho: É possível

ensinar psicanálise na universidade? O que significa sustentar o discurso da psicanálise na universidade e como fazê-lo? Quais os limites e possibilidades do ensino da psicanálise na universidade?

O LUGAR DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE

No Brasil, a presença da psicanálise na universidade é quase tão antiga quanto a própria psicanálise, remontando a 1899, quando o médico Juliano Moreira, professor da Faculdade de Medicina de Salvador, cita artigos científicos de Freud como novidades no campo da ciência. Em 1903, após uma estadia prolongada na Europa, volta ao Brasil para instalar-se no Rio de Janeiro e assume a direção do Hospital Geral de Alienados. Nessa instituição, ele e seus discípulos vão acompanhar com grande interesse a trajetória da psicanálise, contribuindo muito para a sua difusão no Brasil.

Em 1914 foi defendida a primeira tese de fundamentação psicanalítica. No entanto, essa e outras teses acadêmicas produzidas à luz da teoria psicanalítica não repercutiram significativamente no ambiente cultural e científico brasileiro da época fora do âmbito universitário, nem resultaram em uma prática clínica correspondente. Portanto, pode-se dizer que, no Brasil, a psicanálise chegou à universidade antes de ter chegado à clínica.

Isso significa também dizer que o que nos chegou inicialmente foi algo que talvez se possa chamar de “notícias sobre a psicanálise”. Juliano Moreira, Franco da Rocha e outros médicos brasileiros que foram instigados pelas ideias de Freud no início do século XX tiveram essa função: de anunciar que havia algo de novo a despontar na Europa, que uma nova forma de se pensar o psiquismo surgia a partir da experiência de Freud.

Essa forma de inserção da psicanálise na universidade persiste até hoje, um século depois, embora hoje sua maneira de se fazer presente tenha se diversificado, não se limite mais a essas “notícias”. Na França, a experiência do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, criado em 1974 por Jacques Lacan, destaca-se como uma conquista significativa e uma referência necessária. Seu caráter singular, sendo o único departamento de psicanálise na França até recentemente, e fruto dos acontecimentos de maio de 1968 naquele país, faz pensar em seu surgimento como um “lapso”, para nos recordar de que há uma dificuldade na universidade em acolher os saberes que não lhe são convenientes (MILLER, [1981]/1997).

Foi em 1968 que ele (Lacan), com o auxílio de alguns amigos - por exemplo Claude Lévi-Strauss e Michel Foucault - , fundou na Universidade de Vincennes, nos arredores de Paris, o primeiro departamento de psicanálise do mundo. Como muitos sabem, a Universidade de

Vincennes era aberta a essas inovações e foi um dos pilares do movimento estudantil de 1968 na França. Por essas mesmas razões, foi fechada alguns anos depois, tendo sido o Departamento de Psicanálise criado por Lacan transferido para a Universidade de Paris VIII, em Saint Denis, onde existe até hoje. Como se pode ler nos documentos de divulgação dessa universidade, o Departamento de Psicanálise “tem uma missão de ensino superior e de pesquisa”. e visa transmitir tanto os saberes que emanam da experiência psicanalítica quanto os que lhe são conexos, já que o “saber freudiano não é redutível a um corpo de doutrina fechado e definitivamente constituído” (ALBERTI; ELIA, 2000, p. 8).

Freud esboçou o problema, em linhas gerais, no seu artigo publicado em 1919 – “Sobre o ensino da psicanálise na universidade”–, onde aborda a questão da conveniência desse ensino no âmbito da academia, sob duas perspectivas: a da própria psicanálise e a da instituição.

Do ponto de vista dos interesses da psicanálise, afirma, inicialmente, que esta pode prescindir totalmente da universidade, porque a formação do psicanalista não apenas não depende de um curso universitário, mas requer dispositivos que extrapolam as possibilidades de ensino nesse âmbito. Isso porque tal formação implica em *transmissão* da psicanálise, por meio de um trabalho que compreende, além da formação teórica, a própria análise e a prática clínica supervisionada; o “tripé” que sustenta a formação do psicanalista conforme a expressão cunhada por Freud ([1919]/1996).

A formação teórica consiste no estudo dos textos específicos e da participação em cursos e outras atividades desenvolvidas pelas associações psicanalíticas. Essas instituições, desde Freud constituídas como responsáveis pela transmissão da psicanálise, desempenharam e continuam desempenhando um papel fundamental não apenas no que se refere à formação de novos analistas, como na promoção de debates, encontros e (por que não?) desencontros que mantêm a psicanálise viva.

Por outro lado, considerando os interesses da universidade, Freud destacou a importância da psicanálise para a formação universitária, em geral, e do médico e do psiquiatra, em particular, afirmando que a universidade se beneficiaria muito com a introdução da psicanálise em seus cursos. No entanto, como analisa Mezan (1993, p. 88) a partir do trabalho de Jean Laplanche na Universidade de Paris VII, “falar de psicanálise na Universidade não é propor um atalho nem um *ersatz* à formação do analista, mas isso não significa que se trata de algo menor, menos digno ou mesmo indigno da atenção de um psicanalista”. O argumento dos psicanalistas que se posicionam contra a presença da psicanálise na universidade, é que a transmissão da psicanálise está enlaçada à experiência pessoal da análise, sendo resultado desta, como já afirmava Freud.

No texto de 1919 Freud ressalta que o ensino da psicanálise na universidade “só pode ser ministrado de maneira dogmática e crítica, por meio de aulas teóricas; isso porque essas aulas permitirão, apenas, uma oportunidade muito restrita de levar a cabo experiências ou demonstrações práticas” (FREUD, [1919]/1996, p. 189). A partir dessa afirmação de Freud, Mezan (1993, p. 87) entende que a contradição entre os termos “dogmático” e “crítico” é apenas aparente; o “dogmático”

não teria sido colocado no sentido de “intolerante”, mas de “expositivo”, uma vez que há um saber sobre o inconsciente que deve ser transmitido de modo coerente, e “crítico” uma vez que designa o caráter inacabado e provisório deste saber, apontando para brechas que possibilitem a criação de novas hipóteses e conceitos.

Freud alerta para o fato de que ensinar a psicanálise na universidade não é a mesma coisa que formar um psicanalista, mas, sim, fazer com que o estudante “aprenda algo da psicanálise e o assimile” (FREUD, [1919]/1973, p. 2456). Aprender na universidade “algo da psicanálise” ou “a partir dela” como disse Freud, também pode ser pensado em termos de uma oportunidade para a ocorrência dessa transferência de trabalho com um professor, resultando talvez, em um interesse do aluno pelo seu próprio inconsciente (seus sonhos, lapsos e sintomas) (FONTENELLE; BARRETO; VIEIRA FILHO, 2011). Isso seria o primeiro passo para a transmissão, que se inicia sempre com a constatação da existência do inconsciente, a começar pelo seu. O contato com o material que a psicanálise traz, sempre relativo à experiência clínica do qual é indissociável, pode vir a instigar o aluno ao estudo e ao acesso a uma verdade (que sempre é subjetiva), algo que tenha a ver com a dimensão do desejo. Carneiro e Pinto (2009) afirmam nesse sentido que

a transmissão implica diretamente o aluno na forma como está atravessado pela linguagem, isto é, desde sua posição singular. Enfim, a transmissão é uma questão de como cada sujeito se encontra com o desejo diante daquilo que escuta e frente à saída que desencadeia uma entrada para suas perguntas (p.177-78).

Um ensino de “algo” que vai além do ensino dos fundamentos ou da história da psicanálise, sem subestimar a sua importância para formação do analista, ultrapassando inclusive o limite do papel que Freud designou à universidade em 1919, como sendo o local para a divulgação do conhecimento obtido além de seus muros.

Esse “algo da psicanálise” que pode ser aprendido foi retomado por Lacan quando, propôs a questão: “O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?” (LACAN, [1957]/1998). Embora Lacan utilize especificamente a expressão “meu ensino”, deixa claro seu caráter singular:

Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo (LACAN, [1957]/1998, p. 460).

Portanto, para Lacan, o ensino da psicanálise implica na transmissão de um estilo, ou seja, aquilo que cada um tem de mais próprio, de mais singular. Sob a ótica de Figueiredo (2008, p. 237), o modo de *saber* em psicanálise se dá pela transmissão, que é a transmissão "de um desejo de saber marcado pela falta". Transmissão difere de ensino, pois se dá para além dele. A pergunta que nos cabe

então é: o que é possível transmitir da psicanálise na universidade? Afinal, Lacan ministrou seu seminário na academia, o que nos deixa à vontade para responder afirmativamente à pergunta que antecederia a essa, ou seja, se é possível que aconteça aí alguma transmissão.

Apostamos, portanto, na possibilidade de ensinar na universidade algo da psicanálise que vai além das meras notícias sobre essa experiência. A universidade, como qualquer instituição, comporta o contraditório, e Lacan ([1957]/1998) chamou a atenção para o fato de que a estrutura da análise “pode ser formalizada de maneira inteiramente acessível à comunidade científica” (LACAN, [1957]/1998, p. 439). Ou seja, a possibilidade de formalização daquilo que os analistas aprendem através da prática da psicanálise permite que algo da psicanálise seja ensinado como uma disciplina acadêmica. Lacan desenvolveu um grande esforço nesse sentido, recorrendo à lógica, à matemática, à “mostração” dos nós, por exemplo.

As dificuldades desse empreendimento não são poucas. A universidade, lugar de acolhida dos saberes instituídos, busca a coerência e a estabilidade. O inusitado causa, no mínimo, desconforto. A instituição exige testes e provas para acolher o novo, o diferente e requer a sua conformidade às regras que servem à manutenção da ordem acadêmica, ao controle.

O discurso universitário supõe um professor que “sabe o que diz” e alunos que reproduzam o que lhes é ensinado dessa forma. Aqui o agente é o saber (S2) que deve ser assimilado e reproduzido no processo de ensino-aprendizagem, que se supõe assim: quando o professor ensina, o aluno aprende. Em síntese, o discurso universitário tem o saber no lugar do agente, aquele que ensina em um movimento de *tout savoir* (FIGUEIREDO, 2008), permanecendo o aluno no lugar do objeto *a*. A pesquisa acadêmica tende a seguir as mesmas regras: as “descobertas” surgem da conformidade aos padrões estabelecidos, cada vez mais rigorosos, e é surpreendente que, de tempos em tempos, algo novo consiga nascer nesse solo tão propício ao conformismo.

É importante esclarecer, que “discurso universitário” e “universidade” não são equivalentes, pois o que define o funcionamento de um discurso não são as instalações ou o lugar em si, mas a posição do sujeito em relação à verdade, ao gozo e ao desejo. O discurso universitário vigora em outros ambientes, do mesmo modo que na universidade podem estar presentes outros discursos.

O discurso psicanalítico segue em outra direção: coloca o saber no lugar da verdade. Com o objeto *a* como, significante da falta, causa do desejo, no lugar do agente, vem apontar a falha, o rateio, não apenas na dimensão das contradições inerentes à própria constituição do sujeito, como também na cultura, compreendendo-a aqui como o conjunto das produções humanas. A psicanálise aponta o vazio que o discurso universitário se esforça por tamponar. Ela aponta a estrutura de ficção da realidade e chama a verdade de mentirosa, porque mostra que não há “verdade da verdade” (não há

Outro do Outro). Ao fazê-lo, desconstrói a ilusão totalitária de uma “solução final”, de uma ciência que dê conta de tudo, de um saber que tudo esclareça, de uma prática que possa tudo controlar.

Miller ([1981]1997) no texto “A psicanálise na universidade”, chama a atenção para a antipatia entre o discurso universitário e o psicanalítico, uma vez que o *pathos* em questão não é comum a eles. Segundo o autor, a relação com o saber diferencia os dois discursos, sendo que na universidade “ensina-se em nome de um saber, que não é forçosamente ciência, mas está ligado por uma coerência e por relações que comportam uma certa estabilidade” (p.114). O discurso universitário exige minimamente que haja um professor que fale e um estudante que “limita-se a imitar o professor quando fala”¹.

Enquanto que no discurso universitário o professor é “suposto saber o que diz”, na experiência psicanalítica essa lógica é inversa: “o sujeito que fala está desligado do imperativo de saber o que diz, onde, ao contrário, é convidado a se excluir de saber”²; a se esvaziar dele. A busca na experiência analítica não é pelo saber, mas pela verdade, que está além do saber. Mas não é a busca para encontrar a verdade toda e esclarecedora da universidade, pois a verdade é transitória, evanescente e enigmática, como nos mostram o ato-falho, o lapso, o chiste e o sintoma. Miller ([1981]1997) diz que na experiência analítica a verdade é que encontra o sujeito, e não o contrário.

Lacan, lembra que sustentar um ensino não significa que com ele alguém aprenda alguma coisa, “que dele resulte um saber” (LACAN, [1970]/2003, p. 302). Ele enfatiza um outro “antagonismo” entre ensino e saber, colocando, de um lado, o ensino como o saber descaracterizado próprio do lugar que ocupa no discurso universitário (agente) e, de outro, o saber como a verdade do discurso do psicanalista, cujo agente é a causa do desejo (*a*)³.

Miller ([1979]/2002), a propósito, descreve o ensino de Lacan como de “um analista que se obrigou a dar razões, toda a semana, em público, de sua prática” (p.14). E completa: “Não conheço discurso que recorra menos à fé cega, ao princípio de autoridade ou ao entusiasmo. O discurso de Lacan é uma argumentação que pretende ser demonstrativa em um campo onde o obscurantismo, o recurso ao pensamento mágico são a regra”⁴.

Na tensão entre os dois discursos – universitário e psicanalítico –, há lugar para a psicanálise, para um ensino nos moldes daquele que Lacan sustentou durante trinta anos. Entendemos que seus efeitos podem ir muito além da notícia sobre as ideias dos seus autores, da leitura dos textos, enfim, daquilo que se convencionou chamar “produção acadêmica”. Na perspectiva de uma transmissão possível, embora sem garantias (e quando as há?), esses efeitos podem ser, por assim dizer,

1Id.

2Id.

3Ibid., p.306-309.

4Id.

“vivificadores”, apontando a falta, a perspectiva "não-toda" de um saber necessariamente marcado pela incompletude, distante da visão totalizante da ciência.

A psicanálise inaugura outro olhar sobre o homem e sobre o mundo, embora não constitua uma *Weltanschauung*, uma cosmovisão (FREUD, [1933]/2006, vol. 22). Para que se mantenha viva, depende do constante diálogo com outros saberes, de permanecer atenta a seu tempo, renovando seu potencial de ação no mundo. Portanto, assim como a universidade pode beneficiar-se da presença da psicanálise, esta também pode ganhar com essa inserção.

Algo da psicanálise - um estilo, "um desejo de saber marcado pela falta" (FIGUEIREDO, 2008, p.237) - pode então ser transmitido na universidade desde que se consiga sustentar aí um ensino vivo da psicanálise. Isso significa renunciar ao conforto ilusório próprio do lugar de mestre *tout savoir* para se situar na borda do não-saber, deixando que apareça a falha, a divisão, a incompletude constituinte da nossa condição de sujeitos e, por extensão, daquilo que, metaforicamente, chamamos cultura. Como disse Lacan ([1970]/2003, p. 310) “O que realmente me cabe acentuar é que, ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalisante, isto é, a não produzir nada que possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma.”

Sustentar um ensino de psicanálise na universidade significa, portanto, poder suportar certa dose de mal-estar e o desconforto que possa decorrer dessa posição de analisante, significa não naufragar no oceano de gozo proporcionado pelo discurso da ciência que promete - em vão - a felicidade, a saúde e, mais recentemente, o “bem-estar” para todos. Esse saber de que se trata na psicanálise, por estar vivo, não se deixa domesticar pelo cientificismo e pelo quantitativismo, pois nele é essencial a falta, condição do desejo. Além disso, sem desejo não há transmissão da psicanálise: “a verdade pode não convencer, o saber passa em ato”⁵

A CRIAÇÃO DO LABORATÓRIO DE PSICANÁLISE, PROCESSOS CRIATIVOS E INTERAÇÕES POLÍTICAS

Em 2014 criamos o Laboratório de Psicanálise, Processos Criativos e Interações Políticas – LAPCIP -, que marca e oferece um espaço de reflexão sobre o lugar da psicanálise na universidade e suas possibilidades de interferência nos espaços públicos⁶. Visa, sobretudo, a transmissão da

5 Id.

6 O LAPCIP emergiu do grupo de pesquisa *Psicanálise, invenção e arte*, criado em 2012 sob a liderança dos professores Louise Amaral Lhullier e Nestor Habkost. Em dois anos de existência, o laboratório foi responsável pela assinatura dos convênios com o Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII e com a UNSAM, pela realização dos projetos de pesquisa *O Estatuto da Obra na Psicose e Efeitos do Feminino no Exercício da Psicologia no Brasil* e pela organização de três livros. Além disso, participou da organização e realização da I Jornada do grupo, que aconteceu sob o patrocínio do Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, em abril de 2014.

psicanálise, pelas vias da pesquisa e do desenvolvimento de propostas de uma práxis da psicanálise na cidade, aproveitando e criando oportunidades de avanço nesses territórios, animados pelo desejo e pelo trabalho com parceiros conveniados. Entre eles, o Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII, e o Centro de Estudos Psicanalíticos da Universidade San Martin (UNSAM).

Apostando que a universidade oferece um *locus* para o saber psicanalítico, pretende operar como um laboratório de ideias e propostas, realizando e publicando estudos, pesquisas e projetos de extensão que explorem as possibilidades e os limites da ação da psicanálise no mundo contemporâneo, com especial ênfase às suas interfaces com as temáticas “processos criativos” e “interações políticas”.

A ênfase nos “processos criativos” está relacionada ao lugar dado à falta e ao desejo na práxis da psicanálise. A invenção de um *saber fazer com* a partir do próprio sintoma sugere a possibilidade de inventar *saberes fazer com* aquilo que aparece como sintomático na dimensão do laço social, do discurso ou dos discursos que nos assujeitam pela captura dos *parlêtres* que somos nas redes simbólicas. Então, a criação ou a invenção de que se trata aqui é a que vem interpelar a repetição, a mesmice, aquilo que está cristalizado, as ilusões de completude e o totalitarismo de uma maneira geral. Interpelar aqui remete ao “furo” que aponta a falta, abrindo caminho ao desejo.

A outra ênfase - “interações políticas” - destaca o compromisso do trabalho do grupo que constitui o LAPCIP com as questões da *pólis*, com sua inserção na vida da cidade e a sua consciência de que nenhuma ação humana, por suas implicações no laço social, é isenta das questões de poder. Não se trata aqui do que Bauman (2000, p. 90) chamou de meramente “político”, no sentido do que está ligado ao exercício do poder, mas “da reflexão crítica, (que) é a essência de toda autêntica política”. É nessa perspectiva que nos propomos a enfrentar o desafio de inserção da psicanálise na universidade, esperando que algo se transmita de sua práxis, de sua ética, de seus fundamentos teórico-metodológicos na condução das atividades de ensino, pesquisa e extensão que constituem nosso cotidiano na academia. Desse ponto de vista, as atividades não se organizam como uma passagem de conhecimento dos que supostamente “sabem” para os que supostamente “não sabem” psicanálise. O LAPCIP se organiza em torno da experiência da psicanálise conforme ela vai sendo vivida por cada um, de tal forma que todos possamos aprender, cada um com a sua singularidade e com a sua disposição, enlaçados sobretudo pela transferência de trabalho. A transferência que se busca construir não passa, portanto, pela dimensão narcísica do culto ao Mestre ou aos mestres, mas por aquilo que se pode chamar, com certa propriedade, de um amor pela psicanálise e pelas possibilidades que ela oferece de se pensar a subjetividade e a cultura desde uma perspectiva crítica radical, na verdadeira acepção dessa palavra: que vai às raízes.

A PROPOSTA DO LAPCIP

Na proposta apresentada e aprovada pelo Departamento de Psicologia da UFSC, o LAPCIP formalizou como seus objetivos (1) desenvolver e apoiar projetos de pesquisa, de extensão e de ensino em psicanálise de orientação freudolacanianana e de interlocução entre a psicanálise e outros discursos contemporâneos, em especial no que diz respeito a processos criativos e interações políticas; (2) disseminar a perspectiva da psicanálise como um saber que se constitui e que opera na *pólis*, do que decorre sua implicação política; e (3) acolher e orientar projetos de Iniciação Científica, de estágios, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses afins a sua proposta. Dentro dos limites de seus recursos, o LAPCIP iniciou suas atividades dando continuidade às atividades de orientação de projetos e de pesquisa já em andamento no grupo de pesquisa que o antecedeu, mas, sobretudo, com os dois projetos de extensão, já propostos em afinidade com os objetivos acima declarados.

O projeto intitulado “Para começar a ler Lacan” foi planejado para ser um ciclo de seminários, que fizesse circular a teoria psicanalítica no ambiente acadêmico e promover a sua interlocução com outros saberes aí presentes. Com frequência mensal, e a fim de oferecer ao público interessado (estudantes de graduação, pós-graduação e comunidade) uma aproximação ao pensamento lacaniano, os seminários realizados foram ministrados por um convidado que dedicasse seu trabalho acadêmico a um dos autores de referência de Jacques Lacan. A cada vez, um psicanalista que participava do LAPCIP como pesquisador era responsável pelo comentário a essa fala, com a tarefa de situar o uso que Lacan faz dessas referências. Foi possível realizar cinco seminários: “Referências de Lacan na linguística de Saussure”, “Lacan com Jakobson”, “As contribuições de Lévi-Strauss no pensamento lacaniano”, “A moral em Kant” e “Lacan e a matemática”. O outro projeto, nomeado “Acompanhamento terapêutico na rede pública: transbordando consultórios”, constitui um espaço de intervenção na esfera social a partir da universidade. Vinculando a universidade à rede de saúde pública do município de Florianópolis, os usuários encaminhados pelos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) são atendidos pelos estudantes no espaço da cidade, conforme o plano terapêutico singular de cada caso. Além da supervisão individual de cada caso com uma das psicanalistas que aderiram ao projeto, há um espaço de supervisão coletiva semanal, onde se busca a produção de um saber à luz da psicanálise lacaniana, a partir das experiências vividas por estudantes e profissionais envolvidos. Além disso, um grupo de estudos se reúne semanalmente para a leitura e discussão de textos sobre a clínica da psicose e sobre o dispositivo do Acompanhamento Terapêutico (AT).

No ano de 2014 iniciou-se extraoficialmente, além desses projetos de extensão devidamente registrados na coordenadoria de pesquisa e extensão da UFSC, uma proposta de

conversações/palestras intitulada “LAPCIP convida...”, na qual psicanalistas da cidade, não vinculados à academia mas interessados na riqueza da conexão da clínica psicanalítica com o espaço da universidade, foram convidados a expor suas reflexões acerca dos temas dos quais têm se ocupado. Até o momento realizaram-se quatro conversações, a saber, “Sobre o mal”, “Crise da representação/representação da crise”, “Os quatro discursos de Lacan na clínica psicanalítica”, e “Psicanálise e transexualidades”.

Em 2015, além das atividades de pesquisa e de ensino de seus membros, deu-se continuidade a um dos projetos de extensão iniciado em 2014 e também à proposta das conversações/palestras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomemos os questionamentos apontados no início deste texto: É possível ensinar psicanálise na universidade? O que significa sustentar o discurso da psicanálise na universidade e como fazê-lo? Quais os limites e possibilidades do ensino da psicanálise na universidade? Apostamos que haja, sim, um lugar para a psicanálise na universidade. Apostamos, ainda, na hipótese de que pela via do desejo haja a possibilidade de sustentar esse discurso no âmbito universitário. O lugar da psicanálise na universidade se sustenta mediante o desejo do psicanalista, e ainda, pelas possibilidades de articulações com outros saberes.

A experiência do projeto “Para começar a ler Lacan” abriu um espaço importante de diálogo com saberes de outros campos, e que foram referências para a construção do pensamento lacaniano. Entendemos que as influências desses saberes na teoria psicanalítica precisam ser retomadas e exploradas, para que o interessado na psicanálise possa se apropriar, assim como fez Lacan, dos elementos da cultura que permitem a disciplina psicanalítica avançar. A universidade, por comportar uma pluralidade de saberes revela-se um terreno fértil para este debate.

O projeto “LAPCIP convida...” trouxe para a universidade psicanalistas engajados com a transmissão de conceitos fundamentais para a práxis do analista, e ainda, as possibilidades de articular a psicanálise ao debate de questões da vida na cidade - e que subjetividades se constroem nas relações com o outro e na cultura.

O projeto de extensão “Acompanhamento terapêutico na rede pública: transbordando consultórios⁷” tem sido um diferencial na formação dos alunos envolvidos, pois permite uma aproximação da teoria e clínica psicanalítica da psicose. Além disso, proporciona um encontro entre universidade, psicanálise e saúde pública, com a proposta de uma clínica na cidade. Entre tensões e

⁷Neste ano o projeto foi renomeado, passando a ser chamado “Acompanhamento terapêutico: clínica e invenção na cidade”

dificuldades, avançamos construindo possibilidades para a inserção da psicanálise no debate das políticas públicas de atenção à saúde mental.

Precisamos avançar mais na experiência que iniciamos para poder dizer dos limites e das possibilidades dessa praxis. Trabalhamos sobre a hipótese de que o trabalho que nos propomos possa operar algo da transmissão a que se referiram Freud e Lacan. Além disso, esperamos que promover o debate informado sobre as suas implicações - da práxis da psicanálise - na universidade e na cidade possa ir na contracorrente das apropriações de fragmentos de sua teoria e de práticas que reivindicam ter aí sua fundamentação, mas que a desfiguram até o ponto de nada mais restar daquilo que a sustenta nos planos ético e teórico, restando apenas o uso do significante *psicanálise*, esvaziado da significação que marca sua diferença em relação a outras práticas *psi*.

Para concluir, o uso dos termos "aposta" e "hipótese" não se dá por acaso, mas por uma firme intenção de afirmar a perspectiva da psicanálise na condução de nosso trabalho. Apostar não implica em qualquer convicção acerca da validade de uma hipótese. Ao contrário, tal convicção poderia nos cegar para outras possibilidades. Implica, isso sim, em fazer uma escolha (ética) e seguir uma hipótese, orientados pela reflexão sobre a experiência vivida, enquanto ela se sustenta no curso do pensamento (FREUD, [1920]/2010) e na ação animada pelo desejo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S.; ELIA, L. **Clínica e pesquisa em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. 154 p.

BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CARNEIRO, H.F.; PINTO, P.J.C. A transmissão da psicanálise na universidade a partir do estudo de casos clínicos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.172-188, ago. 2009.

FIGUEIREDO, A.C. Psicanálise e Universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível. **Fractal Revista de Psicologia**, Niterói, v.20, n.1, p. 237-252, jan./jun. 2008.

FONTENELLE, L.; BARRETO, C.M.E.; VIEIRA FILHO, M.F. Alcances e limites da transmissão da psicanálise na universidade: reflexões a partir das ações desenvolvidas pelo Laboratório de Psicanálise da UFC. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.2. n.2 p.161-166, jul./dez. 2011.

FREUD, S. 1919[1918]. **Sobre la enseñanza del psicoanálisis en la universidad**. v.3, 1973, p.2454-2456.

FREUD, S.1919[1918]. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. **Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro, Imago, 1996, p.185-189.

_____. [1920]. Além do princípio do prazer. **Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.161-240

_____. 1933[1932]. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. **Edição Standart das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.22. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, J. [1957]. A psicanálise e seu ensino. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. [1970]. Alocução sobre o ensino. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

MEZAN, R. Que significa pesquisa em psicanálise? In: MEZAN, R. **A sombra de D. Juan e outros ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.85-118.

MILLER, J-A. [1981]. A psicanálise na universidade. In: MILLER, J-A. **Lacan elucidado - palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997, p. 112-120.

_____. [1979]. **Percorso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Histórico

Recebido em: 22-7-2015

Aceito em: 4-8-2018